

Ferrovias exigem US\$ 886,9 milhões

Foto de Gildo Loyola

São Paulo – Projeções das empresas de consultoria contratadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para avaliação da Rede Ferroviária Federal indicam a necessidade de US\$ 886,9 milhões em investimentos para a recuperação da via permanente (trilhos e dormentes) e do material rodante (locomotivas e vagões) nos cinco primeiros anos de operação de cinco das seis malhas ferroviárias da empresa que estão sendo transferidas à iniciativa privada, mediante processo de concessão. Ao longo dos 30 anos de concessão, o total de investimentos para a manutenção do sistema está estimado em US\$ 4,2 bilhões.

Segundo o gerente da área de operações de desestatização do BNDES, Haroldo Prates, a viabilização desses investimentos pelo setor privado é muito mais importante que o resultado financeiro das concessões, que deverá render ao Governo cerca de US\$ 1,4 bilhão, com base nos preços mínimos estabelecidos para os leilões. Prates argumenta que o processo terá repercussões estratégicas na matriz de transportes do país, distorcida por uma excessiva ênfase à modalidade rodoviária. “Na via Dutra, por exemplo, nossos estudos indicam que 40% da carga transportada pela rodovia são tipicamente ferroviárias”, afirma. Na avaliação do BNDES, a recuperação das ferrovias vai influenciar todo o mercado de fretes, pois a movimentação de cargas por trem é, em média, 30% mais barata.

Até o final do ano, o Governo pretende colocar em licitação todos os 22.092 quilômetros de ferrovia administrados pela Rede, distribuídos pelas malhas Oeste, Centro-Oeste, Sul, Sudeste e Nordeste, além da estrada de ferro Te-



Empresas de consultoria que avaliam a RFFSA prevêem que os concessionários investirão logo US\$ 886,9 milhões

reza Cristina, em Santa Catarina. Desses lotes, apenas o Nordeste ainda não tem avaliação e os levantamentos preliminares chegaram a indicar preço negativo, ou seja, o Governo teria que pagar para que algum grupo o assumisse.

Transição

A malha Oeste, entre Bauru (SP) e Corumbá (MT), cujo leilão foi vencido no último dia 5 pelo consórcio de cinco empresas norte-americanas liderado pelo Noel Group, já está em regime de transição para os novos concessionários, segundo contrato firmado segunda-feira com o BNDES. O contrato definitivo de concessão e arrendamento deverá ser assinado em 60

dias, depois que o Noel Group conferir os ativos e tomar conhecimento de toda a situação da ferrovia.

De acordo com o cronograma do BNDES, a malha Centro-Leste é a próxima a ser licitada. O edital deve ser publicado ainda este mês e o leilão deverá ser marcada para o período de 60 a 90 dias depois. Haroldo Prates informa que, a exemplo do que ocorreu com a malha Oeste, os futuros editais estabelecerão, entre outras condições, limites máximo de 20% para participação de cada acionista no capital votante da empresa concessionária, metas de aumento de produção e redução de acidentes, além do compromisso de absorver parte do atual quadro de

empregados. Na malha Oeste, há cláusula de aproveitamento de 1,8 mil dos 2.725 empregados.

Os dados disponíveis no BNDES registram que a Rede Ferroviária Federal fatura em todas as suas linhas cerca de US\$ 850 milhões/ano, receita consumida em 80% pela folha de pagamento dos 38 mil empregados. De janeiro a outubro do ano passado, a empresa acumulava dívidas de US\$ 2,5 bilhões e um prejuízo de US\$ 1,3 bilhão. Seus ativos não-operacionais (imóveis) estão avaliados em US\$ 4 bilhões e não estão integrando o regime de concessão, mas também não podem ser vendidos porque a empresa está em débito com o INSS.